

AS VARIEDADES OU ENSAIOS DE LITERATURA: UMA REVISTA LITERÁRIA?

AS VARIEDADES OU ENSAIOS DE LITERATURA:
A LITERARY MAGAZINE?

LEONARDO GONÇALVES SILVA¹

1 Doutorando em História Social pela Faculdade de Filosofia, Letras e
Ciência Humanas da Universidade de São Paulo.

Resumo: A revista *As Variedades ou Ensaios de Literatura* foi o primeiro periódico literário publicado no Brasil em 1811, impressa na tipografia Silva Serva, a primeira tipografia particular do país. Tendo publicado apenas dois números, nas páginas da revista encontram-se textos de cunho histórico e filosófico, ensaios sobre costumes e valores, relatos de viagens e anedotas. Contudo, apesar do título, não foi publicada nenhuma poesia, novela ou texto ficcional. Através da pesquisa nos números da revista e diálogo com outras fontes, procura este trabalho analisar o conteúdo da revista com base no conceito de literatura que se tinha à época, apresentando também o contexto em que *As Variedades* surgiu. Conclui que, apesar dos textos apresentados não serem ficcionais ou poéticos, essa revista pioneira pode ser definida como literária, segundo a visão da época.

Palavras-chave: periódicos literários, literatura, Brasil.

Abstract: The magazine *As Variedades ou Ensaios de Literatura* was the first literary periodical published in Brazil in 1811, printed at the Silva Serva press, the first private press in the country. Having published only two issues, the magazine's pages contain historical and philosophical texts, essays on customs and values, travel reports and anecdotes, however, despite the title, no poetry, novel or fictional text was published. Through research in the magazine's numbers and dialogue with other sources, this work seeks to analyze the magazine's content based on the concept of literature that existed at the time, also presenting the context in which *As Variedades* emerged. It concludes that, although the texts presented are not fictional or poetic, this pioneering magazine can be defined as literary, according to the understanding of the time.

Keywords: literary periodicals, literature, Brazil.

1. INTRODUÇÃO

Os suplementos literários, comuns nos grandes jornais até algumas décadas atrás, marcaram época na história da imprensa brasileira. Grandes escritores brasileiros e portugueses como Machado de Assis, Lima Barreto, Mário de Sá-Carneiro e Fernando Pessoa colaboraram ativamente com textos literários na imprensa. Romances como *A Moreninha* de Joaquim Manuel de Macedo, e *O Guarani* de José de Alencar, apareceram primeiro na forma de folhetins. Esses exemplos revelam a intrínseca relação entre Literatura e Imprensa, sobretudo a partir do século XIX, período em que os periódicos de cunho literário conquistaram um lugar de destaque na imprensa.

Não é fácil imaginar um jornal ou revista literária² nos primeiros anos do Brasil oitocentista, período em que ainda persistia a condição colonial. Ao contrário da América espanhola onde já no século XVI foram implantados tipos móveis, não era permitida pela Coroa portuguesa a instalação de tipografias nas Colônias, o que impossibilitava a impressão de livros e jornais locais. A aquisição de livros do exterior e a montagem de bibliotecas também eram privilégios de poucos, restringindo-se aos religiosos ou a uma pequena elite letrada. Ainda assim, os livros vindos de fora deve-

2 Preferiu-se não entrar na discussão se a nomenclatura mais apropriada para *As Variedades* seria a de jornal ou de revista, pois provavelmente pouco acrescentaria à pesquisa. Optou-se por denominá-la revista devido a literatura consultada se referir a ela dessa forma.

riam passar pela censura, primeiramente a da Igreja, posteriormente a civil, através da Real Mesa Censória criada pelo Marquês de Pombal em 1768.

A situação começou a ser alterada, especialmente a partir da transferência da Coroa portuguesa para ao Brasil. Foi nesse contexto que surgiu a revista *As Variedades ou Ensaios de Literatura*, uma publicação breve que teve o mérito de ter sido a primeira revista literária impressa no Brasil, apesar de até os dias atuais permanecer pouco estudada.

2. IMPRENSA E VIDA CULTURAL NO BRASIL E EM PORTUGAL

A colônia brasileira não teve qualquer periódico até os primeiros anos do século XIX, e mesmo o estabelecimento de tipografias não era permitido antes disso: houve o empreendimento do português António Isidoro da Fonseca, que tendo sido tipógrafo em Portugal, tentou estabelecer uma tipografia no Rio de Janeiro em 1747, chegando a imprimir alguns folhetos, mas no mesmo ano sua tipografia foi fechada por ordens vindas de Lisboa, e o material foi apreendido (MORAES, 2006, p. 71).

Em Portugal os primórdios da imprensa datam do jornal *Gazeta da restauração* (1641-1642), embora até as primeiras décadas do século XIX a imprensa portuguesa não tenha experimentado grande desen-

volvimento. O primeiro periódico verdadeiramente literário foi a *Gazeta Literária* (1761-1762), impressa primeiramente no Porto, depois em Lisboa, e o primeiro jornal de publicação diária foi *Diário Lisbonense*, de 1809 (TENGARRINHA, 1965). O final do século XVIII e o início do século XIX marcaram ainda o surgimento de diversos jornais chamados enciclopédicos. Segundo Tengarrinha, o aparecimento desses jornais foi:

Fenómeno sem dúvida muito importante, este, que não nos deve passar despercebido. Em gradual ascensão económica e social, pelo que se lhe abriam cada vez mais de par em par as portas dos salões aristocráticos ou aristocratizantes, reconhecendo, por outro lado, a necessidade de alargar a visão dos problemas com uma maior bagagem de conhecimentos práticos e teóricos, a burguesia ligada aos negócios precisava de adquirir rapidamente uma vasta cultura.

Não uma cultura, como a da aristocracia, vazada nos pesados e austeros moldes clássicos, mas, pelo contrário, leve, variada, servindo as necessidades imediatas da vida, tanto no domínio económico como social. Nada melhor, para isso, do que esses jornais enciclopédicos, que ministravam, ‘em pequenas doses’, conhecimentos gerais de literatura, artes, história, a par de conselhos sobre a melhor maneira de preparar e conservar os couros, ‘modo de destruir as pulgas, percevejos, etc.’, processo mais seguro de embalar artigos... (TENGARRINHA, 1965, p. 45-46).

A partir da década de 1830, houve grande aumento do número de periódicos, inclusive das publicações literárias ou de ilustração, que passaram a ter lugar de destaque na vida cultural portuguesa. Nessa época foi lançado *O Panorama* (1837-1868), o mais relevante periódico do gênero no período, que passaria a ser visto como o “paradigma de revista literária, científica, de recreio e de ilustração do romantismo português” (GARMES, 1999, p. 15).

Já no Brasil, a vida cultural da colônia só começou a ter alteração mais visível a partir de 1808, com a vinda da família real portuguesa. A abertura da Imprensa Régia (1808), o lançamento da *Gazeta do Rio de Janeiro*, o primeiro jornal publicado no Brasil (1808), a criação da Escola de Cirurgia da Bahia, considerada a primeira faculdade do Brasil (1808) e o estabelecimento da Real Biblioteca (1810) são exemplos das transformações socioculturais ocorridas no período. Nas palavras de Antonio Candido, “muitas das aspirações mais caras aos intelectuais brasileiros da segunda metade do século XVIII foram aqui realizadas nos primeiros anos do século XIX com o apoio do próprio governo que as combatera” (CANDIDO, 2000, v. 1, p. 215).

Apesar de essas novidades terem sido, em sua boa parte, implantadas na capital (Rio de Janeiro), a cidade de Salvador mantinha grande importância cultural, mesmo no início do século XIX, possuindo uma elite letrada e ilustrada, que tinha acesso a livros e jornais

estrangeiros. Nesse ambiente foi planejada em 1810, a criação da Real Sociedade Baiense de Homens de Letras, que pretendia ser uma associação promotora das ciências e das artes (MORAES, 2006, p. 136). Coube a Salvador também a fundação da primeira biblioteca pública no Brasil em 1811, por iniciativa de um cidadão e não dos governantes locais, a abertura da primeira tipografia particular, empreendimento do comerciante português Manuel Antônio da Silva Serva (1761-1819), que estabeleceu a Tipografia Silva Serva, também em 1811, e a criação do primeiro periódico não oficial, *Idade d'Ouro do Brazil*, publicado por Silva Serva. Pode-se afirmar que tais iniciativas foram fruto do ambiente de Ilustração que existia em terras baianas.

3. DIOGO SOARES DA SILVA DE BIVAR E AS VARIEDADES

A tipografia de Silva Serva publicou cerca 176 títulos durante a vida do tipógrafo (HALLEWELL, 2012, p. 141), mas uma das suas principais realizações foi a publicação de *Idade d'Ouro do Brazil*, o segundo periódico brasileiro (mas o primeiro de propriedade privada), que circulou entre os anos de 1811 a 1823. Tal periódico era dedicado à publicação de notícias, e teve como redatores o padre Ignacio José de Macedo e Diogo Soares da Silva de Bivar, este último também

responsável pela primeira revista literária publicado no Brasil: *As Variedades ou Ensaios de Literatura*.

Diogo Soares da Silva de Bivar nasceu em Abrantes (Portugal) em 1785. Em 1802, aos 17 anos, foi sócio fundador da Academia Tubuciana de Abrantes (uma sociedade literária). Formou-se em Direito pela Universidade de Coimbra. Em 1808 foi sentenciado ao degredo em Moçambique por ligação com os franceses, durante o período das invasões. Protegido pelo então governador da Bahia (Conde dos Arcos), veio para o Brasil, tendo se fixado na Bahia, onde obteve o perdão e passou a exercer a advocacia. Também na Bahia contraiu matrimônio em 1812, da qual teve três filhos. Sua filha, Violante Atabalipa Ximenes de Bivar (1817-1875), foi uma das pioneiras da imprensa feminina brasileira.

Em 1811 fundou o já citado *Idade d'Ouro do Brasil* e em 1812 a revista *As Variedades*. Em 1821 se transfere para o Rio de Janeiro, onde esteve ligado a várias associações e exerceu diversos encargos, inclusive o de censor: em 1841 fundou e foi presidente do Conservatório Dramático Brasileiro, instituição que tinha a competência de liberar ou censurar as peças teatrais que seriam apresentadas na cidade. Em 1857 recebeu do governo brasileiro uma pensão anual em reconhecimento aos serviços prestados. Faleceu no Rio de Janeiro em 1865, aos 80 anos de idade (TAVARES, 2019, p. 30-37; VIANNA, 1945, p. 18-28).

Os únicos dois números de *As Variedades ou Ensaaios de Literatura* foram publicados nos primeiros meses de 1812, ou seja, quase dois anos antes de *O Patriota*, jornal publicado no Rio de Janeiro nos anos de 1813 e 1814, algumas vezes apontado como o primeiro periódico literário do país.

Pouco estudado até os dias atuais, *As Variedades* é um periódico bastante raro, não sendo possível afirmar ao certo se ainda existe algum exemplar original: Vianna (1945, p. 10) registrou que único exemplar então conhecido, pertencia ao historiador Francisco Marques dos Santos, peça que continha os dois únicos números encadernados. Tavares (2011, p. 49) apontou que esse volume foi doado em 1949 ao Instituto Histórico e Geográfico da Bahia, e que provavelmente é o mesmo que então compunha o acervo da Fundação Clemente Mariani. O Acervo de Memória e Documentação Clemente Mariani (AMEDOC), pertencente à Universidade Federal do Recôncavo Baiano (que em 2012 recebeu o acervo da antiga Fundação), atualmente conserva somente uma cópia da revista.³ No catálogo online do arquivo e biblioteca⁴ do Instituto Histórico e Geográfico da Bahia, não consta qualquer registro dela. Isto posto, não é possível afirmar ao cer-

3 Informação obtida através de consulta ao catálogo online (endereço eletrônico: <http://acervo.ufrb.edu.br/pergamum/biblioteca/index.php>) em novembro de 2021. Em contato com o AMEDOC realizado em dezembro de 2021 através de e-mail, foi possível confirmar que o exemplar conservado é realmente uma cópia, não o original.

4 Endereço eletrônico: <http://ighb.servvclt.com.br/cgi-bin/wxis.exe?I-sisScript=phl84.xis&cipar=phl84.cip&lang=por>. Consulta realizada em 18 nov. 2021.

to se sobreviveu algum exemplar original dessa revista tão rara. De qualquer forma, o acesso ao texto da revista a quem se interessar pode ser feito através de duas edições fac-similares: uma publicada em 1982 pelo Arquivo do Estado da Bahia, e uma de 2011, lançada pela Fundação Pedro Calmon.

O primeiro a dedicar a ela um estudo mais aprofundado foi Hélio Vianna em 1945, em seu livro sobre a história da imprensa no Brasil. Antes de Vianna, os estudiosos que fizeram referência a ela em seus escritos, como Sacramento Blake ou Inocêncio Francisco da Silva em seus dicionários bibliográficos, certamente não chegaram a ter contato com a publicação, o que explica as poucas informações apresentadas sobre ela e o redator, algumas até incorretas, provavelmente devido à dificuldade de encontrar algum exemplar sobrevivente já naquela época.

As pistas para reconstrução do percurso da publicação podem ser recuperadas no já citado jornal *Idade d'Ouro do Brazil*. A primeira referência às *Variedades* apareceu no dia 20 de dezembro de 1811 (n. 64), na qual foi publicado um plano do que seria o novo periódico:

PROSPECTO DE HUMA OBRA PERIODICA QUE VAI A PUBLICAR-SE DENOMINADA: AS VARIEDADES, OU ENSAIOS DE LITERATURA.

Os jornaes literarios tem sido olhados em todo o tempo, como os meios mais eficazes, e proprios de derramar os conhecimentos humanos. He por elles

que se diffundem aquellas luzes que tendem principalmente a inspirar o armor á sã moral, e a **promover a cultura das Artes, e das Sciencias**, caminhos seguros de tornar os homens uteis, assim para os interesses e harmonia da sociedade em geral, como para a felicidade domestica, sem a qual os Cidadãos vivirão em hum estado de reciproca estranheza, senão em guerra. As Artes e as Sciencias que diariamente dão passos, coadjuvãõ-se mutuamente pelas relações que os jornaes fazem nascer, e as descobertas se facilitão: os costumes se castigão, e se aperfeiçoão; as maneiras recebem polimento, e a pureza, a elegancia da lingua-gen cobra energia, e se vulgariza. A nossa Cidade, que conta por mui assignalado penhor da Regia Liberalidade e Solicitudude do Nosso Optimo Soberano, **a graciosa mercê do uso da Typographia, desde a feliz época deste estabelecimento, que reclama pela publicação de hum periódico literario, e a necessidade de segundar o começo dos Lyceos, e estudos nella nascentes, parece authorizar, e de alguma fórmula pòr certo cunho da recommendação a qualquer empresa que se destine a preencher os indicados fins.**

Debaixo deste ponto de vista pois, he que se tem formado o plano de huma obra periódica que começará no mez de Janeiro de 1812, e que se hade denominar =

AS VARIEDADES, OU ENSAIOS PERIODICOS DE LITERATURA

O Redactor deseja limitar se por ora, e especialmente ás Sciencias Moraes, não só porque ellas são os mais solidos alicerces sobre que descança o majestoso edificio da felicidade Nacional, mas tambem porque sendo o seu estudo mais do alcance de todos, tende directamente a cimentar o amor á leitura, a cujos atractivos, diz hum judicioso escriptor, parece que foi assignada a posição que medeia entre os prazeres sensuaes, e os intellectuais. Reflexões profundas sobre as virtudes sociaes, e os costumes, **algumas novelas de escolhido gosto e moral**, extractos de viagens,

rezumos da Historia antiga e moderna, nacional ou estrangeira, **pedaços de Autores clássicos quer em proza, quer em verso**, aneddotas curiosas, **tudo em huma palavra que póde comprehender-se na expressão geral de Literatura**, são os materiaes de que o Redactor se hade servir para esta compilação, que pelo correr do tempo **se ampliará a alguns ramos dos conhecimentos scientificos propriamente ditos**.

Se o amor da Patria, e o gosto das Letras suscitou ao Redactor a ideia de huma tarefa de tamanho pezo, elle espera igualmente que o Respeitavel Público desta Cidade, por effeito daquelles sentimentos de patriotismo, e de generosidade de que tem dado tão repetidas provas, se prestará a acolhella de boamente, auxiliando e assegurando a sua publicação pela concorrência de hum grande número de assignaturas, que forneção o fundo indispensavel para a sua impressão, sem cuja antecipada certeza não he possivel de emprehender, e menos e levar á vante semelhantes trabalhos. O preço de cada folheto se fixa em 480 reis para os Assignantes pagos adiantados de 3 em 3 mezes, e para os que não o forem se venderá a 560 reis (IDADE D'OURO DO BRAZIL, 1811, p. 5-6, grifo nosso).⁵

Quase dois meses depois, o jornal anunciou o lançamento do primeiro número, no dia 11 de fevereiro de 1812 (n. 12):

Sahio a Luz o 1.º folheto do periodico pertencente ao mez de Janeiro que se denomina: As Variedades, ou Ensaios de Literatura. Vende-se na Loja da Gazeta pelo preço de 560 reis (IDADE D'OURO DO BRAZIL, 1812, p. 4).

5 Nesta e nas próximas citações diretas dos periódicos do século XIX, optou-se por manter a grafia e a pontuação originais.

O prospecto publicado em dezembro havia dado a entender que a publicação seria mensal. Contudo, em março não ocorreu o lançamento de um novo número. No dia 06 de março de 1812, o *Idade d'Ouro* trouxe uma explicação para o atraso:

AVISOS

[...]

O Redactor do Periodico denominado - As Variedades ou Ensaio [sic] de Literatura - previne o Respeitavel Público desta Cidade, e em especial os Senhores Assignantes, que benignamente se tem prestado para a compra do mesmo Periodico, que tendo sido atacado de grave enfermidade, que por ora o tolhe da menor applicação, e cuidado literario, hade por tal soffrer alguma demora, a publicação dos Folhetos pertencentes aos mezes de Fevereiro, e Março, que com tudo se achão redigidos, e acabados. No entretanto que o Redactor, se restabelece completamente, espera elle que o número de assignaturas, até aqui muito limitado, se augmentará consideravelmente. afim de que indem-nize, pelo menos, das despezas da impressão, unico meio de assegurar a publicação regular de escriptos desta natureza. O Redactor previne outro sim, os Senhores Assignantes actuaes, e os que de novo concorrem, que se pela continuação do seu impedimento actual, ou por effeito de outro qualquer que possa sobrevir, for obrigado a sobreestar na publicação do Periodico, ou a abrir mão da sua empresa, elle fará restituir aos Senhores Assignantes o que exactamente lhes for devido pelas assignaturas que tem adiantado na conformidade do Prospecto da Obra, e do Aviso inserido no Folheto de Janeiro (IDADE D'OURO DO BRAZIL, 1812, p. 7-8).

Os problemas de saúde do redator persistiram por mais tempo do que o previsto ou havia problemas de cunho financeiros, devido ao limitado número de assinantes? Seja por um motivo ou por outro, é fato que um novo número de *As Variedades* só sairia em julho, como noticiou a *Idade d'Ouro* em 28 de julho de 1812 (n. 60):

Sahio á luz Periodico denominado as Variedades, ou Ensaios de Literatura 2º e 3º folheto pertencentes aos mezes de Fevereiro, e Março. Vendem-se na Loja da Gazeta pelo preço de 1\$120 (IDADE D'OURO DO BRAZIL, 1812, p. 4).

Como é possível notar, os dois números que já estavam prontos desde março saíram juntos, em um único exemplar. Um aviso presente nas primeiras páginas desse número traz a seguinte explicação aos leitores:

Temos reunido em hum só folheto os dois que pertencem aos mezes do Fevereiro, e Março, porque tendo-se demorado a publicação d'aquelle, em resultado dos motivos que já fizemos saber ao público, entendemos que assim ficaria mais satisfeita a curiosidade dos subscriptores. De mais, como o Quadro Demonstrativo da Philosophia Antiga, se não podia introduzir em hum só folheto, sem omissão de outros artigos, e dividido, perderia muito do seu valor, tal, qual he, havemos desta forma combinado aquelle, e este fim, e julgamos não desmerecermos a aprovação dos Assig-nantes (AS VARIÉDADES OU ENSAIOS DE LITERATURA, n. 2, 1812, p. [2]).

Desse momento em diante, o *Idade d'Ouro* não fez mais referências às *Varietades*, o que reforça que o número saído em julho seria o segundo e último da revista.

4. O CONTEÚDO DE AS VARIETADES

Tendo sido publicados em dois números distintos em 1812, a capa do único exemplar sobrevivente (e que foi fonte das modernas edições fac-similares) apresenta o ano de 1814, sugerindo que nesse ano os exemplares restantes dos dois números foram reunidos em um só volume, que ficou dividido em parte I (1º número) e parte II (2º e 3º números). Para Castro (2011, p. 10) isso demonstrava a pouca vendagem que a revista teve. Ressalta-se que na capa está um desenho de alguns símbolos maçônicos, o que sugere a afiliação do redator (VIANNA, 1945, p. 28). Independente da questão relativa à “reedição” da revista ou da data presente na capa, os dois números apresentam o seguinte conteúdo:

- Parte I (30 páginas):
 1. Capa;
 2. Frontispício, na qual está escrito: “AS VARIETADES OU ENSAIOS DE LITERATURA, JANEIRO 1812”;

3. Texto de apresentação da revista, ainda que não apresente esse título (será discutido mais adiante);
4. “Sobre a felicidade doméstica (p. 1-15): nesse ensaios/artigo, o autor reflete sobre a felicidade da vida familiar e sobre o valor da verdadeira amizade, ressaltando como é difícil encontrar amigos de verdade. No texto o autor faz uma crítica direta aos ricos: “Os grandes os ricos, e os homens opulentos conhecem pouco as vantagens que se resultão da união das famílias [...] O efeito ordinario do luxo, da opulencia, e da grandeza he endurecer o coração [...]”;
5. “Da navegação entre os antigos” (p. 15-21): artigo que discorre sobre a arte das navegações na Antiguidade, mais especificamente nas regiões do Cáucaso e Fenícia;
6. “Costumes, e usos do Mexico (extracto da viagem de Mr. Thiery)” (p. 21-25): este artigo descreve alguns costumes das populações do México, como a língua, o vestuário, as artes e a alimentação. Trata-se de um resumo (talvez se aproxime mais do que hoje se entende por resenha) de um relato de viagem ao México, identificada apenas como “viagem de Mr. Thiery”, sem mais referências. A obra base do texto seria o *Traité de la culture du nopal, et de l'éducation de la cochenille dans les colonies françaises de l'Amérique; précédé d'un Voyage a Guaxa-*

- ca, escrita pelo botânico francês Nicolas Joseph Thiéry de Ménonville (1739-1780) e publicada em Paris no ano de 1787. Tendo viajado ao México em uma missão científica, o autor deixou o relato da viagem nessa obra;⁶
7. “Instrução militar” (p. 25-26): comentário de um trecho do “Regulamento de Infantaria para as Tropas de Sua Magestadeo Imperador d’Austria”, relativo ao tratamento para com os soldados;
 8. “Brioso desafio” (p. 26-27): texto anedótico sobre uma batalha ocorrida entre dois fidalgos, retirado da “Vida de D. João de Castro”;
 9. “Anecdotas e bons ditos (p. 27-29): seis pequenas anedotas ou historietas;
 10. “Rasgo de esperteza” (p. 29-30): mais três pequenas historietas, de cunho mais jocoso.

• Parte II (67 páginas):

1. Capa;
2. Frontispício, que apresenta o sumário do número;
3. Explicação sobre a reunião dos números de fevereiro e março em um só número;

6 Os autores consultados que apresentaram ou comentaram os artigos de *As Variedades*, como Vianna (1945) e Castro (2011), limitaram-se a comentar o conteúdo do ensaio. A informação sobre a obra que serviu de base ao ensaio foi conseguida por esta pesquisa através da única pista apresentada, o sobrenome do autor (“Thiéry”).

4. “Quadro demonstrativo ou chronologia da filosofia antiga” (p. [3]-34, a paginação começa a aparecer somente a partir da página 9): esse longo artigo, conforme escrito na “advertência”, não pretendia ser uma história da filosofia antiga, mas sim apresentar as diferentes escolas filosóficas da Antiguidade, com suas principais características e representantes. Apresenta no final do artigo a lista de referências de autores consultados, com obras de Sêneca, Condilac, etc.
5. “Theoria nova e curiosa sobre a origem dos gregos” (p. 34-35): breve comentário sobre as teorias do escritor francês Philippe Petit-Radel (1749-1815) sobre a origem dos gregos;
6. “Das sciencias e das bellas letras” (p. 36-40): ensaio que reflete sobre os laços que unem as ciências e as letras desde a Antiguidade;
7. “Observações sobre a politica” (p. 41-45): ensaio que reflete sobre a polidez e a sua importância para as relações entre as pessoas;
8. “Da bondade” (p. 45-49): ensaio que reflete sobre a bondade;
9. “Da conversação” (p. 50-51): breve reflexão sobre a conversação. Segundo seu autor “o talento de fazer a conversação agradável, supõe muita arte, e muita delicadeza”;
10. “Continuação dos costumes, e usos do Mexico (extracto da viagem de Mr. Thiery) (p. 52-60): continuação do artigo iniciado no número an-

- terior, com a descrição de outros costumes mexicanos, como o hábito de fumar, a prática do jogo, a instrução, as vestimentas, etc.;
11. “Doutrinas militares” (p. 60-62): trata de algumas obrigações dos oficiais militares;
 12. “Anedotas e bons ditos” (p. 62-67): apresenta 17 anedotas e historietas, como no número anterior. Algumas de tom jocoso, outras que apresentavam alguma lição de moral;
 13. Erratas (p. 67);
 14. Índice (das duas partes).

O índice único, com as matérias dos dois números (ou partes), reforça a tese de que houve uma reedição da revista em 1814, que uniu os exemplares restantes, juntamente com uma nova capa e índice. Fato essencial de ser ressaltado é que a revista não traz o nome do redator/editor, e nenhum dos artigos apresenta nome do autor ou assinatura, ainda assim parece ser segura a atribuição da revista a Bivar, o que vem sendo feito desde as primeiras referências a ela ainda no século XIX.

Apesar de ter durado tão pouco tempo, é digno de nota que mesmo após uma década do lançamento dos números, eles ainda estavam disponíveis para a venda na cidade do Rio de Janeiro, conforme anúncio publicado no jornal *Diário do Rio de Janeiro*, em 18 de julho de 1821:

LIVROS Á VENDA

Á loja da Gazeta he chegado hum novo sortimento de folhetos [...] Quem quiser comprar [...] Variedades ou ensaios de Literatura, sobre a felicidade mistica, 1 folheto 480 [...] (DIÁRIO DO RIO DE JANEIRO, 1821, p. 5, grifo nosso).

A referência a um dos ensaios que apareceu no primeiro número da revista, apesar do título incorreto (como descrito anteriormente, o título do ensaio era “Sobre a felicidade doméstica”), indica se tratar da mesma revista publicada em Salvador em 1812, por sinal, vendida a preço um pouco menor. Dois anos depois o mesmo jornal publicaria outro anúncio do gênero, dessa vez em 17 de setembro de 1823:

Mudou-se a loja de vidros da rua detraz d° Hospicio para a rua Direita N. 12, e nella se continua a vender vidros para vidraça por preço commodo, bem como para calra [sic] boia, e huma porção de livros [...] Variedades ou Ensaios [...] (DIÁRIO DO RIO DE JANEIRO, 1823, p. 2, grifo nosso).

Não é de todo estranho que uma publicação da Tipografia de Silva Serva estivesse sendo vendida no Rio de Janeiro, pois Serva tinha um agente próprio para vender as suas publicações no Rio, o livreiro Manuel Joaquim da Silva Porto, e ele mesmo realizou algumas viagens de negócios para a cidade, tendo falecido nela durante uma dessas viagens, em 1819 (HALLEWELL, 2012, p. 140-141). E mesmo Bivar já havia se transfe-

rido para o Rio de Janeiro a essa altura, sendo possível que tivesse levado consigo exemplares da sua revista.

5. UMA REVISTA LITERÁRIA?

O prospecto da revista publicado no jornal *Idade d'Ouro do Brazil* em dezembro de 1811 é essencial para compreender os objetivos que o redator tinha ao planejar *As Variedades*. Mesmo não sendo como os manifestos das revistas literárias posteriores, que apresentavam um verdadeiro programa cultural, é possível extrair da leitura atenta desse prospecto os objetivos do redator quando tomou a iniciativa de elaborar tal publicação. Além disso, é possível notar que:

1. O redator conhecia o conceito de jornal literário e reconhecia a sua importância para a difusão dos conhecimentos;
2. Entendia que as artes e as ciências caminhavam juntas (como ele defenderia também em um dos artigos da revista);
3. Havia o entendimento que o estabelecimento da tipografia em Salvador demandava então um empreendimento do tipo.

Também é possível perceber pelo prospecto, e depois nos artigos da revista, que o autor tinha, de certa

forma, objetivos moralizantes para a publicação. Não à toa é destacado que a revista apresentaria “reflexões profundas sobre as virtudes sociais, e os costumes, algumas novelas de escolhido gosto e moral”, o que de fato foi feito em alguns ensaios, como nos dedicados à bondade, à política e à felicidade doméstica. Mas como ressalta Vianna (1945, p. 28), os preceitos relacionados aos costumes e às virtudes não apresentavam diretamente a influência de uma moral religiosa ou cristã. Um exemplo disso pode ser visto no trecho em que cita os prazeres da leitura, que um escritor colocou-os entre os prazeres intelectuais e *sensuais*, referência que naquela época provavelmente não seria feita em um texto mais de acordo com a moral cristã.

Além desses textos mais moralizantes, o prospecto previa para o conteúdo da publicação:

[...] extractos de viagens, rezumos da Historia antiga e moderna, nacional ou estrangeira, pedaços de Autores clássicos quer em proza, quer em verso, anedotas curiosas, tudo em huma palavra que póde comprehender-se na expressão geral de Literatura, são os materiaes de que o Redactor se hade servir para esta compilação, que pelo correr do tempo se ampliará a alguns ramos dos conhecimentos scientificos propriamente ditos (IDADE D’OURO DO BRAZIL, 1811, p. 5-6, grifo nosso).

De forma semelhante ao prospecto, o texto de apresentação da obra, publicado logo no início do 1º número, revela qual era o conteúdo que havia sido

planejado para compor as suas páginas, ressaltando o aspecto do ineditismo de tal iniciativa no Brasil:

O Folheto que offerecemos ao Público, mostra de alguma fôrma, o plano que havemos concebido, e que, quanto em nós he, desejamos desempenhar na redacção, e publicação do presente Periodico. Discursos sobre os costumes e virtudes moraes, e sociaes, algumas novelas de escolhido gosto, e moral; extractos de historia antiga, e moderna, nacional, ou estrangeira, resumo de viagens; pedaços de Authores classicos Portuguezes, quer em prosa, quer em verso cuja leitura tenda a formar gosto, e pureza na lingoagem; algumas anedotas, e boas respostas, &c. taes são os materiaes de que tencionamos servir-nos para a coordinação desta obra, que algumas vezes offerecerá artigos que tenham relação com os estudos scientificos propriamente ditos, e que possam habilitar os leitores a fazer-lhes sentir a importancia das novas descobertas filosoficas.

Se esta tarefa for tida em alguma conta, assim pela sua disposição, como pela sua novidade neste paiz, esperamos que o público se apressará de concorrer para a subscripção que se ha de abrir na loja da Gazeta, bem persuadido o mesmo Publico de que sem a anticipação da certeza de huma prompta sahida, não he possivel que semelhantes empresas se levem avante, e mormente em um paiz em que as despesas de impressão excedem em muito ás que se fazem na Europa.

E por não arriscarmos esperanças, dispensamo-nos de traçar pomposos prospectos, querendo que o andar do tempo abone o nosso trabalho, do que cahirmos na censura do Poeta Venusino.

Quid dignum tantum feret, &c⁷ (AS VARIEDADES OU ENSAIOS DE LITERATURA, n. 1, 1812, grifo nosso).

7 "Quid dignum tanto feret hic promissor hiatu?", frase retirada da Arte Poética de Horácio (o "poeta venusino"). Tradução: "Que obra digna de tal exórdio nos dará o autor dessa promessa?" (HORÁCIO, [19--], p. 77).

Percebe-se em ambos os textos que o conteúdo planejado era de certa forma variado (como o próprio título da revista sugeriu que seria), e o que foi publicado, apresentou parte desse conteúdo: relato de viagem, discursos sobre costumes, textos sobre a história antiga e moderna e anedotas estiveram presentes nos dois números da revista.

Porém, com relação às novelas ou trechos de autores portugueses clássicos, em prosa ou verso, nada foi publicado. Iriam aparecer nos números seguintes? Também não chegou a ser publicado nenhum artigo de cunho científico propriamente dito, que foram planejados para aparecer algumas vezes. Em todo caso, um leitor dos dias atuais certamente teria dificuldades para encaixar *As Variedades* na categoria de periódico literário, pois não estão presentes em suas páginas o tipo de texto que comumente é entendido como *literatura*, como poesia, romance, teatro, contos, etc. Diferentemente do jornal *O Patriota*, que desde o seu primeiro número publicou produções poéticas.

Seria então inadequado colocar *As Variedades* entre os periódicos de cunho literário pelo fato de suas páginas não terem estampado poesias ou novelas? É preciso, antes de tudo, entender o conceito que a sociedade de então tinha do termo *literatura*. É preciso ter em mente que, naquele período histórico, o próprio conceito de literatura ainda estava em desenvolvimento. A partir do século XVIII, as letras humanas ou belas letras (termos derivados de *literatura*)

passaram a abranger o conjunto de escritos do que se entendia por *humanidades*, que incluía saberes como a Filosofia, a História e as Ciências em geral. Só posteriormente que o conceito se restringiria aos textos ficcionais em poesia ou prosa, ou seja, o entendimento atual de literatura (SOUZA, 2009).

Um exemplo do entendimento de literatura do período pode ser encontrado no Dicionário de Antonio Morais (1789), considerado o primeiro dicionário do português moderno: ele não apresenta o verbete *literatura*, mas para *literário* traz a seguinte definição: “LITTERARIO, adj. que respeita ás letras, sciencias, estudos, erudições” (SILVA, 1789, p. 29). Nesse significado, o literário (e conseqüentemente a literatura) não diria respeito só às letras, mas também às ciências de modo geral. O verbete letra também reforça tal entendimento ao apresentar o significado de letras humanas: “LETRA, f. f. [...] § *letras humanas, bellas artes*, são as humanidades, i e. Filosofia, Rethorica, e Poetica, Historia” (SILVA, 1789, p. 16). Como apresentou o redator no prospecto de *As Variedades*, a revista publicaria “tudo em huma palavra que pôde comprehender-se na expressão geral de Literatura”, ficando evidente que o entendimento que então se tinha de literatura não se restringia a textos ficcionais ou poéticos. Conforme afirma Moisés foi exatamente nesse período que o termo literatura (e não os equivalentes, como *belas letras* ou *letras humanas*) passou a ser empregado de forma mais abrangente:

Primitivamente, o vocábulo designava o ensino das primeiras letras. Com o tempo, passou a significar “arte das belas letras” e, por fim, “arte literária”. Até o século XVIII, preferiu-se o termo “poesia”, ao qual se atribuía sentido solene e elevado. Somente a partir do século XIX é que a palavra “Literatura” entrou a ser empregada para definir uma atividade que, além de incluir os textos poéticos, abrangia todas as expressões escritas, mesmo as científicas e filosóficas (MOISÉS, 1974, p. 311).

No artigo *Das sciencias e das bellas letras*, que saiu no segundo número da revista, o redator defende que não é possível cultivar as ciências sem o conhecimento das letras, tendo o estudo das letras e das ciências sido cultivados juntos desde a Grécia antiga. Para ele, “os principios das sciencias serão certamente, desagradaveis, e desgostantes em demasia, se as letras lhes não prestassem encantos” (AS VARIEDADES OU ENSAIOS DE LITERATURA, n. 2, 1812, p. 38), assim ambas teriam uma união não só natural, como também necessária. Em um trecho do artigo, também se evidencia o entendimento de literatura que então se tinha:

A Grammatica, a Eloquencia, a Poesia, a Historia, a Critica, n’uma palavra, todos os ramos da Literatura serão extremamente defeituosos, se as sciencias os não reformassem, e aperfeiçoassem: ellas são especialmente necessarias ás obras didacticas, em materia Theorica, Poética, e Historica. Para fazer progressos nestes ramos, não importa menos ser Philosopho, do que homem de letras (AS VARIEDADES OU ENSAIOS DE LITERATURA, n. 2, 1812, p. 39, grifo nosso).

Ou seja, além de a literatura comportar não só a poesia e a ficção, mas o conhecimento humanístico em geral, ela deveria ser desenvolvida junto com as ciências. Com isso, não é difícil perceber que, de fato, a revista publicou *ensaios de literatura*, pois ao abordar temas da história, filosofia e costumes, o redator conseguiu apresentar textos que se encaixavam perfeitamente no amplo conceito de literatura que se tinha até então. Mesmo com textos de caráter mais científico, a revista poderia continuar sendo classificada como literária, pois literatura e ciência deveriam caminhar juntas, a exemplo do que ocorreu com *O Patriota* e outros periódicos do período.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Publicada em 1811, a revista *As Variedades ou Ensaios de Literatura* foi o primeiro periódico literário do Brasil: apareceu quase dois anos antes de *O Patriota*, mas teve uma existência efêmera. Tendo publicado apenas dois números e provavelmente em pequena tiragem, devido ao baixo de número de assinantes, essa revista passou quase todo o século XIX esquecida, sendo desde então esporadicamente lembrada por algum estudioso, mas ainda hoje permanece pouco estudada, provavelmente pela sua raridade e pela dificuldade de acesso à publicação.

A impressão de *As Variedades* só foi possível por conta da abertura cultural ocorrida no Brasil a partir da transferência da família real portuguesa, que trouxe consigo a Impressão Régia e permitiu a abertura de outras tipografias, sendo *As Variedades* fruto da primeira tipografia particular do Brasil, instalada em Salvador, que já possuía uma elite ilustrada e letrada.

A revista surgiu não só para suprir as supostas necessidades dessa elite letrada, mas para difundir conhecimentos e promover o amor às artes e à ciência, como deixa claro o prospecto da publicação, ou ainda, pelo “amor à pátria e gosto pelas letras”, da parte do redator. Assim, para cumprir esse objetivo, a revista apresentou textos para propagar conhecimentos humanísticos, com foco nos de cunho histórico e filosófico; ensaios de cunho moralizante, objetivando propagar virtudes e valores (ainda que não necessariamente com base na moral cristã) e algumas anedotas e historietas, que com um leve tom jocoso buscavam também passar alguma lição de moral. É possível notar pelo corpo dos textos que compõem a revista uma preocupação com a formação intelectual do leitor.

Apesar de ter sido planejada a publicação de trechos de autores clássicos portugueses em prosa e verso, os dois números existentes não apresentaram produções do tipo (que hoje são entendidas como literárias). Ainda assim, com base no entendimento que então se tinha do termo *literatura*, a revista sem

dúvida pode ser categorizada como periódico literário (se assemelhando, em partes, até aos chamados periódicos enciclopédicos citados por Tengarrinha). Destaca-se também que a própria produção literária (ficcional), tanto no Brasil como em Portugal, atravessava um período de transição nas primeiras décadas do século XIX, onde as formas árcades aos poucos davam lugar às primeiras manifestações românticas.

É bem provável que a revista não tenha obtido grande impacto na sociedade local, reforça essa tese a sua curta duração, motivada ao que tudo indica pelo baixo número de assinantes. Mas *As Variedades* possuem o mérito de ter inaugurado na ainda colônia o gênero dos periódicos literários e, sobretudo, como ressalta o seu prospecto, por ter desejado fomentar no país o amor à leitura, em uma época em que o ato de ler ainda era privilégio de tão poucos.

REFERÊNCIAS

AS VARIEDADES OU ENSAOS DE LITERATURA. Ed. fac-sim. Salvador: Fundação Pedro Calmon, 2011.

CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira: (momentos decisivos)*. 9. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 2000. 2 v.

CASTRO, Renato Berbert de. Introdução: a revista “As Variedades”. In: CASTRO, Renato Berbert de et al. *Sobre a revista As Variedades: ensaios*. Salvador: Fundação Pedro Calmon, 2011. p. 9-20.

DIÁRIO DO RIO DE JANEIRO. Rio de Janeiro: Typografia do Diário, [1821-1878]. Disponível em: <http://bndigital>.

bn.br/acervo-digital/diario-rio-janeiro/094170. Acesso em: 19 nov. 2021.

GARMES, Hélder. A imprensa literária e de ilustração no romantismo português. In: GARMES, Hélder. *A convenção formadora: uma contribuição para a história do periodismo literário nas colônias portuguesas*. 1999. 2 v. Tese (Doutorado em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999. p. 6-15.

HALLEWEL, Laurence. *O livro no Brasil: sua história*. 3. ed. São Paulo: EDUSP, 2012.

HORÁCIO. *Arte poética*. Introdução, tradução e comentários R. M. Rosado Fernandes. Lisboa: Inquérito, [19--].

IDADE D'OURO DO BRAZIL. Bahia: Typographia de Manoel Antonio da Silva Serva, 1811-1823. Disponível em: <http://hemerotecadigital.bn.br/acervo-digital/idade-d-ouro/749940>. Acesso em: 19 nov. 2021.

MOISÉS, Massaud. *Dicionário de termos literários*. São Paulo: Cultrix, 1974.

MORAES, Rubens Borba de. *Livros e bibliotecas no Brasil colonial*. 2. ed. Brasília, DF: Briquet de Lemos / Livros, 2006.

SILVA, Antonio de Moraes. *Diccionario da lingua portugueza: composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e accrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro*. Lisboa: Na Officina de Simão Thaddeo Ferreira, 1789. 2 v. Disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/5413>. Acesso em: 20 nov. 2021.

SOUZA, Roberto Acízelo de. Literatura. In: CEIA, Carlos (coord.). *E-Dicionário de Termos Literários*. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, 2009. Disponível em: <https://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/literatura/>. Acesso em: 27 nov. 2021.

TAVARES, Luis Guilherme Pontes Tavares. “As variedades”, uma revista raríssima. In: CASTRO, Renato Berbert de *et al. Sobre a revista As Variedades: ensaios*. Salvador: Fundação Pedro Calmon, 2011. p. 48-57.

TAVARES, Paulo Falcão. *Memória histórica da Academia Tubuciana de Abrantes e seus primeiros sócios*. Abrantes: na Oficina do Impressor desta Academia, 2019. Disponível em: <http://academiaturuciana.pt/wp-content/uploads/2020/07/MEMORIA-HISTORICA-ACADEMIA-TUBUCIANA.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2021.

TENGARRINHA, José. *História da imprensa periódica portuguesa*. Lisboa: Portugalia, 1965. Disponível em: <https://archive.org/details/dli.ernet.534888/mode/2up>. Acesso em: 19 nov. 2021.

VIANNA, Hélio. *Contribuição à história da imprensa brasileira: (1812-1869)*.

Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1945.